

DÚVIDA E EPISTEMOLOGIA NA CONSTRUÇÃO DA METAFÍSICA CARTESIANA¹

Luis Carlos Ribeiro Alves²

RESUMO:

Pretendemos analisar o processo de desenvolvimento da metafísica cartesiana a partir utilização da dúvida hiperbólica como meio de chegar a verdade. Analisaremos o surgimento da dúvida cartesiana no desenvolvimento de sua ontologia, tomando por base seu olhar sobre o mundo e as coisas; ou seja, passando pela criação do método. Tomaremos como base o conjunto de suas obras metafísicas, desde o *Discurso do Método* que a anuncia, passando pelas *Meditações*, até aos *Princípios da Filosofia*, explanando as razões de sua epistemologia e da atitude de duvidar. Refletiremos acerca das regras que adotou para conduzir sua investigação de uma verdade indubitável: o *Cogito*, que seria útil como resposta aos céticos e ao senso comum de que cada indivíduo se julgava possuidor, passando para tal, por problemas como da veracidade das essências matemáticas, da certeza das coisas sensíveis, dentre outros.

Palavras-Chave: Cogito, Descartes, dúvida, epistemologia, metafísica.

INTRODUÇÃO

Em nosso trabalho pretendemos tratar da importância da dúvida metódica e da epistemologia na constituição da metafísica cartesiana, que tem como ponto de partida o *cogito*. Esta se constitui na busca e na construção do conhecimento e até mesmo numa crítica às ciências de seu tempo, como o próprio Descartes afirma no subtítulo de seu *Discurso do Método: para bem conduzir a própria razão e procurar a verdade nas ciências*. Vejamos, pois o que é exatamente *epistemologia*: Edvino Rabuske em sua obra *Epistemologia das ciências humanas*³ nos lembra o que é epistemologia fornecendo-nos a origem da palavra, do grego *epistéme* + *logos* que em tradução direta teríamos exatamente Ciência da Ciência. Para Rabuske a epistemologia é um ramo da Teoria do Conhecimento que já supõe as ciências existentes. Para melhor esclarecer apresentamos também duas definições de epistemologia, de nível mais filosófico. Cito a definição do *Dicionário Akal de Filosofia*⁴ que diz no vocábulo epistemologia: “estudo da natureza do conhecimento e sua justificação, e, mais especificamente, o estudo de a) suas características definidoras, b) suas condições

substanciais, e c) os limites do conhecimento e sua justificação.”⁵; como também a do Vocabulário técnico e crítico da filosofia, elaborado por André Lalande:

Epistemologia. Esta palavra designa a filosofia das ciências, mas com um sentido mais preciso. Não é precisamente o estudo dos métodos científicos, que é o objeto da metodologia e que faz parte da lógica. Não é tampouco uma síntese ou uma antecipação conjectural das leis científicas (à maneira do positivismo e do evolucionismo). É essencialmente o Estado crítico dos princípios, das hipóteses e dos resultados das diversas ciências, destinado a determinar a sua origem lógica (não psicológica), o seu valor e a sua importância objetiva.⁶

1. O FILÓSOFO, SUA FORMAÇÃO E SEU TEMPO.

Após definirmos epistemologia, voltemos ao nosso objetivo. Situemos o nosso autor em seu tempo. Descartes viveu em um período onde toda a ciência resumia-se ao que a igreja afirmava como ciência, além do pensamento de Galileu não aprovado pelas autoridades eclesiásticas de então, tínhamos as teoria de Johanes Kepler, Copérnico, que desenvolveram as principais teorias das ciências naturais e da astronomia conhecidas na época, e a Escolástica⁷, representante oficial do pensamento da Igreja Católica da época. Foi sob o método escolástico que Descartes passou toda sua formação, o que incitou o nosso filósofo à sua dúvida fundamental que se deu justamente no período de sua formação no colégio *La Fleche* dos padres jesuítas, visto que nunca se deu por satisfeito com a matemática nem muito menos com a filosofia escolástica como estas eram ensinadas, principalmente a filosofia ministrada sob a codificação de Suárez⁸ que se dirigia a problemas e controvérsias do passado reservando pouquíssimo tempo para a reflexão dos problemas de seu tempo. Assim, ao deixar o colégio e completar a sua formação, Descartes achava-se totalmente desorientado e desprovido de um saber ao qual pudesse se agarrar. Resolve, pois seguir a carreira militar alistando-se no exército de Mauricio de Nassau⁹, mudando depois para o exército do duque Maximiliano da Baviera, aonde em Ulma chega a ter uma espécie de revelação intelectual entre os dias 10 e 11 de novembro de 1619 que será fundamental para a constituição de sua obra. Vejamos o relato de Fritjof Capra:

Aos 23 anos de idade, Descartes teve uma visão iluminadora que iria moldar toda a sua vida. Após muitas horas de intensa concentração, durante as quais reviu sistematicamente todo o conhecimento que tinha acumulado, percebeu, num súbito lampejo de intuição, os "alicerces de uma ciência maravilhosa" que prometia a unificação de todo o saber. Essa intuição tinha sido prenunciada numa carta dirigida a um amigo, na qual Descartes anunciou seu ambicioso objetivo: "E assim, para nada esconder de vós acerca da natureza de meu trabalho, gostaria de tornar público (...) uma ciência completamente nova que resolveria em geral todas as questões de quantidade, contínua ou descontínua". Em sua visão, Descartes percebeu como poderia concretizar esse plano. Visualizou um método que lhe permitiria construir uma completa ciência da natureza, [...] uma ciência baseada, como a matemática, em princípios fundamentais que dispensam demonstração. Essa revelação impressionou-o muito [...] Descartes teve

certeza de que Deus lhe apontava uma missão e dedicou-se à construção de uma nova filosofia científica.¹⁰

2. DISCURSO DO MÉTODO.

Descartes começa seu *Discurso sobre o Método* criticando o Bom senso, considerado de mais valor que a razão e a inteligência na ciência de seu tempo. Cito: “O bom senso é a coisa do mundo melhor partilhada, pois cada qual julga estar bem provido dele [...] não é suficiente ter espírito bom, o principal é aplicá-lo bem. As maiores almas são capazes dos maiores vícios, tanto quanto das maiores virtudes.”¹¹. Diz ele não pretender apresentar um método para orientação de outros, mas apenas mostrar como ele próprio chegou a sua verdade. Antes de refletir sobre a dúvida faz grandes elogios à escolástica e aos seus mestres, no entanto considera inútil tanto estudo, pois o mesmo é inaplicável na vida prática. Seu método tem a pretensão de substituir a lógica e a matemática, que, respectivamente, não trazem nada de novo além de serem muito complicadas. No entanto, seu próprio método visa melhorar esta última, e quanto à outra ele a reduz à silogística tradicional.

Observemos, pois, as regras que Descartes se impõe para bem realizar seu exercício de duvidar em busca de uma verdade indubitável a qual nem sequer os cétricos mais vorazes tenham a capacidade ou a ousadia de refutar. A primeira regra a que nosso filósofo se submete, é a que refletiremos de forma mais aprofundada ao longo de nosso trabalho. Cito:

O primeiro era de jamais acolher alguma coisa como verdadeira que eu não conhecesse evidentemente como tal; isto é, de evitar a precipitação e a prevenção e de nada incluir em meus juízos que não se apresentasse tão clara e tão distintamente a meu espírito, que eu não tivesse nenhuma ocasião de pô-lo em dúvida.¹²

Com esta sua primeira regra nosso filósofo se propõe a uma dúvida metódica, duvidando de tudo até encontrar algo inteiramente indubitável. Nos *Princípios da Filosofia*¹³ ele afirmará que para examinarmos a verdade é necessário que ao menos uma vez na vida ponhamos todas as coisas em dúvida, retomando o espírito da criança que não tem medo de perguntar o porquê das coisas e duvidar destas enquanto não tivermos certeza de sua verdade, considerando-as portanto falsas enquanto delas pudermos duvidar de modo que o exercício da mesma possa se tornar menos árduo. Passemos, pois a apresentar rapidamente as demais regras antes de voltarmos à dúvida e à epistemologia.

A segunda regra consiste na simplificação, ou seja, na divisão de cada problema em partes menores que o tornem mais simples e facilitem a sua resolução. Com tal regra Descartes defende um método analítico que, enquanto divide o problema em uma série de

outros de menor dificuldade, o torna mais claro de forma a eliminar as ambigüidades que o problema maior possa conter. Sua intenção é simplificar a matemática, em seu tempo constituída de problemas muito complicados. Após realizar a análise através da decomposição dos problemas, Descartes apresenta a terceira regra, que consiste em realizar uma síntese dos problemas menores depois de estes serem resolvidos parte por parte, começando por aqueles que se apresentem mais simples ou com menor dificuldade até aos que são mais complexos, numa ascensão gradual dos conhecimentos mais simples aos conhecimentos mais complexos. Sua quarta e última regra metodológica consiste em promover um controle sobre a ordem do próprio pensamento e sobre os problemas submetidos a esta através de enumerações tão completas e inúmeras revisões, de modo que nada seja omitido ou esquecido; esta regra é útil para evitar qualquer precipitação; ou seja, um julgamento apressado das coisas que preceda à evidência. Este último erro é considerado por Descartes como o maior de todos.

Estas regras são de uma utilidade imprescindível para o bom exercício da dúvida, que ao primeiro olhar de alguém que ignore suas características e sua função, parecerá semelhante à dúvida cética. No entanto, a dúvida cartesiana é o que chamamos de radical e hiperbólica, ou seja é uma dúvida exagerada, dirigida a todos os conhecimentos, ou pelo menos às bases destes. Por falta de atenção ou de conhecimento, alguns a entendem como cética. Mas, este entendimento não procede, pois ela é também dúvida sistemática, na qual o seu autor não duvida apenas por duvidar, ou vivencia a dúvida, mas ela tem uma finalidade estrita: visa atingir um conhecimento que seja indubitável. Donde, alguns de seus leitores assemelham tal dúvida ao “*só sei é que nada sei*” de Sócrates, que é a base de seu método, a *maiêutica*, que tinha por fim desenvolver no oponente as verdades que este possuía sem saber ou sem ter acesso às mesmas.

3. DOIS MOMENTOS DA METAFÍSICA CARTESIANA.

A epistemologia cartesiana fortemente ligada a sua metafísica, é marcada por dois momentos muito definidos, o primeiro – o que mais nos interessa –, equivale ao momento da “destruição”, pautado pela dúvida e ao mesmo tempo é o instante mais importante do desenrolar do trabalho de nosso filósofo. Após apresentar as suas regras metodológicas Descartes afirma ainda no *Discurso do método* que para se chegar a altos conhecimentos como os dos geômetras euclidianos¹⁴, os indivíduos não precisariam dos métodos utilizados por estes, mas se utilizassem o seu método chegariam ao mesmo resultado sem terem esforços tão dispendiosos quanto aqueles, conquanto que só se aceitassem como verdadeiras as coisas

sobre as quais não se pudessem levantar a mínima dúvida e ao mesmo tempo seguissem as suas regras, e provou tal funcionalidade simplificando a Álgebra e a Geometria de seu tempo.

Dessa consideração de que todas as coisas de que não podemos ter certeza são falsas Descartes parte, pois para uma análise das ciências, de modo especial à matemática, saber pelo qual desde sua infância demonstrou um interesse muito grande de modo que chega a afirmar: “Também duvidamos de todas as outras coisas que outrora já nos pareceram muito certas, mesmo das demonstrações da matemática e dos seus princípios, embora em si mesmos estes nos sejam conhecidos”¹⁵. Para melhor justificar a sua dúvida em relação às essências da matemática tanto nos *Princípios* como nas *Meditações*, e de melhor forma nestas últimas nosso filósofo trabalhará com a hipótese de um Deus enganador e de um Gênio maligno. Logo na primeira de suas *Meditações* ele já apresenta seu argumento contra a certeza das essências matemáticas, dividindo em duas partes seu argumento; na primeira parte deste, trata do Deus enganador, todo poderoso, criador de tudo que existe e, do fato de poder tudo, é possível que nada tenha feito e nos engane até mesmo sobre as coisas das quais dizemos ter mais certeza da veracidade, da mesma forma que julgamos alguns por errarem, mesmo naquilo que melhor sabem. É possível “[...] que Deus tenha desejado que eu me engane todas as vezes em que faço a adição de dois mais três, ou em que enumero os lados de um quadrado[...]”¹⁶. Aí podemos ver um argumento meramente metodológico para pôr em dúvida de algum modo a matemática, mesmo que esta possibilidade do *Deus enganador* seja sustentada pelos teólogos nas *Segundas Objeções*¹⁷, para Descartes esta possibilidade não só seria sinal de malignidade como de não ser por parte de Deus. A consideração da bondade de Deus não anula a afirmação de um Deus enganador que nos criou imperfeitos de modo a nos enganar sempre, o que torna a dúvida ainda mais forte. Na segunda parte do seu argumento nosso filósofo suporá que não exista um Deus verdadeiro, mas apenas um gênio maligno, artifício psicológico não menos enganador que o todo poderoso e que usa de todos os seus artifícios para nos enganar até mesmo a respeito da dúvida que se nos apresenta a mente. Deste modo dirige sua dúvida às matemáticas. Dada a possibilidade de engano, temos a de um possível erro nos cálculos que juramos mais certos.

Descartes dirigiu sua dúvida também aos sentidos e as coisas que percebemos através deles, de forma a colocar em dúvida os argumentos dos empiristas. Para ele essas deveriam ser as primeiras coisas que deveríamos pôr em dúvida já que não podemos nos confiar muito em quem ao menos uma vez já nos enganou, e considerando que muitas vezes imaginamos coisas e, de fato algumas existem, outras são, apenas fruto de nossa imaginação, como

miragens, que vemos sem que de fato estejam presentes diante de nós. Se em nossa atitude de duvidar não podemos por em dúvida tudo o que quisermos em relação aos nossos sentidos, visto que existem coisas das quais não podemos duvidar, tal a sua veracidade devido à proximidade e sensibilidade com que às percebemos, como por exemplo, o fato de que tenho um corpo, que sinto e percebo como muito próximo de mim, já em relação às coisas distantes e pouco sensíveis é muito fácil de duvidar, considerando que os sentidos podem nos enganar.

Descartes se utiliza ainda do argumento do sonho para tornar manifesta a dubitabilidade dos conhecimentos obtidos através de nossos sentidos; para tal, apresenta como exemplo o fato de que nós, como homens que somos, dormimos e às vezes representamos através de nossos sonhos as mesmas coisas que temos enquanto estamos acordados, ou em vigília, e outras vezes ainda, representamos coisas menos verossímeis que só os loucos imaginam ser verdade em suas vigílias. Quando sonhamos muitas vezes sentimos igualmente como nas vigílias determinadas sensações, como a dor e o medo, por exemplo. Descartes é mais audaz ainda: “Suponhamos, pois, agora, que estamos adormecidos e que todas essas particularidades, a saber, que abrimos os olhos, que mexemos a cabeça, que estendemos as mãos, e coisas semelhantes, não passam de falsas ilusões”¹⁸, chega a supor que estejamos não em vigília como imaginamos, mas sempre em sonho, enganados e iludidos com o que imaginamos ser mais verdadeiro, até mesmo a nossa própria existência factual. Nos *Princípios*, Descartes irá explicar um pouco mais como dirigiu a sua dúvida aos fenômenos e à ciência. Cito:

[Depois de termos rejeitado aquilo que outrora aceitamos na nossa crença sem previamente o termos examinado], já que a pura razão nos forneceu a luz suficiente para a descoberta de alguns princípios. Começaremos por aqueles que são mais gerais e dos quais os outros dependem: isto é, pela admirável estrutura deste mundo visível.¹⁹ (Descartes, 1997, III. 1).

A partir de sua dúvida dirigida aos sentidos e ao que nos vem através deles no argumento do sonho, Descartes passa a duvidar da nossa existência factual, reavaliando o que ele mesmo vê como sendo a primeira verdade indubitável, o seu *Cogito ergo sum*. E é tão séria a atitude de duvidar tomada por Descartes, que ao descobrir a sua primeira verdade através de uma intuição pura, ele tenta pô-la em dúvida, colocando-a a prova para saber se de fato é indubitável. Depois de considerar a força da evidência de sua própria existência ele a põe em dúvida considerando não saber o que é questionando sua validade: por quanto tempo é válida a proposição *Eu sou, eu existo?* Ao que ele responde: “por todo o tempo em que eu penso”²⁰. Depois de dizer não saber o que é, nosso filósofo investigará e se descobrirá como

uma coisa que pensa. Cito então o parágrafo nono da segunda meditação: “Mas o que sou eu, portanto? Uma coisa que pensa. Que é uma coisa que pensa? É uma coisa que dúvida, que concebe, que afirma, que nega, que quer, que não quer, que imagina também e que sente.”²¹

Esta é a primeira verdade da metafísica epistemológica cartesiana. Verdade que apresenta como indubitável visto que “a afirmação da existência do meu próprio pensamento não pode, com efeito, ser suspensa pela dúvida, do mesmo modo que as afirmações de existência que incidem sobre os objetos.”²² Esta primeira verdade não será a única, mas a primeira de uma série de muitas outras, entre as quais podemos destacar, ainda que não façam parte do objetivo de nosso trabalho, a existência de Deus, de que a alma é conhecida mais facilmente que o corpo, da extensão dos corpos, etc.

No estudo das ciências de seu tempo, o fundador do modo de pensar moderno reavalia o que diziam alguns cientistas, a saber, que a terra era o maior dos astros do universo e que o sol e a lua eram menores que a terra. Descartes afirma na terceira parte de *Os Princípios da Filosofia* que, tendo por base as probabilidades matemáticas e dadas as distâncias existentes entre o sol, a lua, a terra e as estrelas, não poderíamos afirmar que a terra é maior. Seria, isto, para ele mais um exemplo de como os nossos sentidos nos enganam, pois em primeiro lugar parece que a terra é maior que todos os outros corpos. Mas, se corrigirmos a nossa deficiência visual com raciocínios geométricos que são infalíveis se descobrirá que a lua está a uma distância de trinta diâmetros da terra, e o sol a seiscentos ou setecentos.

Voltemos ainda um pouco mais à primeira certeza cartesiana, que equivale ao início da segunda parte de seu trabalho, agora não mais de “destruição”, mas de reconstrução. A descoberta de que existo como coisa pensante enquanto penso aquilo que penso no mesmo dado momento em que estou pensando. Para ele o fato de existirmos enquanto pensamento equivale a dizer que somos um pensamento, ou seja, uma alma que existe independentemente de qualquer substância material, sendo que esta é mais acessível ao nosso conhecimento do que o corpo.

Desse modo, Descartes funda sua metafísica como uma ciência centrada no sujeito e na força do pensamento deste que é reflexo de sua própria existência. Transforma o paradigma da medievalidade, onde este lugar era ocupado por Deus e pela Igreja, que de certo modo obstruía o desenvolvimento das ciências ao afirmar que nada poderia contrariar os cânones oficiais, pois se o fizessem, estariam contrariando ao próprio Deus.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Após percebermos essa grande mudança de paradigmas causada por nosso filósofo podemos concluir o valor e a importância do papel exercido pela dúvida na construção de sua metafísica enquanto esta é ao mesmo tempo uma epistemologia, considerando que ao tratar da dúvida, Descartes recorda sempre a multiplicidade das opiniões que se opõem no espírito de qualquer homem, a maior parte das quais são adquiridas e constituem a prevenção. Invoca também o fato do erro: enganamo-nos freqüentemente. Pretendendo libertar-nos dessa multiplicidade, tal como desse risco permanente de erro. A dúvida cartesiana retoma dois projetos metodológicos de 1628, vai buscar dois temas das *Regulae*: o da certeza e o da unidade. É preciso romper com toda a ciência do provável: ciência de tipo medieval, em que tudo permanece em discussão. É preciso fundar uma ciência do certo a partir do modelo da matemática, portanto, rejeitar tudo o que não é certo, até que se alcance evidência fundamental.

É necessário destruirmos toda a velha estrutura do conhecimento humano, de modo a construir uma nova, que substituindo a antiga possa fazer com que cada homem se sinta seguro em seus conhecimentos, ou seja, do fato de pôr em dúvida toda a ciência, deve surgir uma nova ciência que garanta a certeza dos conhecimentos que apresenta.

Como vemos, Descartes não se limita a duvidar simplesmente. Nega, tem por falso o que é apenas verossímil. Em rigor, contudo, a dúvida deveria limitar-se a suspender o juízo: e tal foi a dúvida cética, ou o “que sei eu” de Montaigne. Ora, Descartes não compactua com a incerteza. O que mantém o espírito em suspenso desagrada-lhe. Nada lhe é mais alheio do que a noção de graus no assentimento. Do mesmo modo que, do lado do objeto, não pode haver meio termo entre o verdadeiro e o falso, também do lado do sujeito se não deve admitir qualquer posição intermédia entre a afirmação do certo e a negação de todo o resto.

Assim temos que a Metafísica cartesiana não pode ser separada nem da vida do próprio autor, nem muito menos da sua investigação científica, ou seja, da sua epistemologia constituída com base no fundamento de uma dúvida metódica, radical e hiperbólica.

¹ O título inicial da pesquisa que desenvolvemos junto ao professor Dr. Emanuel Ângelo da Rocha Fragoso era “O Processo da dúvida e a epistemologia na Construção da Metafísica Cartesiana”, título com o qual apresentamos parte deste trabalho no II encontro de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Ceará – UFC, evento ocorrido no período de 17 a 21 de setembro de 2007.

² Graduando em Filosofia do CNBB - Instituto Teológico-Pastoral do Ceará – ITEP. Membro do grupo de Estudos em Sartre da Universidade Estadual do Ceará – UECE sob a coordenação da professora Eliana Sales. Contatos: e-mail: l.c.ribeiro.alves@hotmail.com. Tel.: (85) 91550260. End.: Rua Anário Braga n. 881. Antônio Bezerra. Fortaleza - Ce. CEP.: 60350-350.

³ RABUSKE, Edvino. *Epistemologia das Ciências Humanas*. Caxias do Sul: EDUCS, 1987.

⁴ Este dicionário consiste na tradução para a língua espanhola do *The Cambridge Dictionary of Philosophy*, publicado originalmente em inglês pela Cambridge University Press, 1995. sendo publicado em língua espanhola em 2004 pela Akal Ediciones. Todas as referências a este dicionário são de tradução nossa.

⁵ AUDI, Robert. *Diccionario Akal de Filosofía*. Madri: Akal. 2004. p. 292

⁶ LALANDE, André. Epistemologia. in: _____. *Vocabulário Técnico e Crítico da Filosofia*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p.313.

⁷ Período em que a História da Filosofia é costumeiramente dividida, equivalendo à Filosofia Medieval. Tem como características o surgimento das universidades ao redor das grandes catedrais. O pensamento filosófico é dominado pela Igreja católica, embora carregada de influências de Platão, Aristóteles, Averróis e Avicena. O maior destaque do período Escolástico é o próprio método baseado no princípio da autoridade, ou seja, uma tese é mais válida a partir de sua argumentação fundada ou na Bíblia, ou nas filosofias de Platão e Aristóteles ou nos padres da Igreja. Outro elemento marcante são as disputas que marcavam as Escolas: O ensino se dava a partir da apresentação de uma tese, que deveria ser refutada ou defendida com base na Bíblia ou no pensamento dos filósofos e padres da Igreja. Os temas mais importantes do período são: a separação entre finito e infinito, entre razão e fê, entre corpo e alma, além do problema dos universais; de modo que esta tinha a pretensão de abarcar todos os conhecimentos possíveis. Descartes ainda é considerado por muitos historiadores como um Escolástico, em razão das temáticas que aborda nas *Meditações*. “Corriente de pensamiento y estudios filosóficos históricamente ubicada en la Edad Media, e integrada por filósofos de inspiración cristiana, que se dedicó especialmente a interpretar y desarrollar la filosofía griega antigua, principalmente el pensamiento de Aristóteles. Escolástica In. ANON, *Breviário Términos Filosóficos*. Disponível on-line em <http://hansi.libroz.com.ar>. Acessado em 14.05.2008.

⁸ Francisco Suárez, o Doutor Exímio (1548-1617), filósofo y teólogo jesuíta espanhol. Nasceu em Granada, estudou em Salamanca e ensinou ali, em Roma, Coimbra e outras destacadas universidades.. Sua influência foi imediata, sobretudo por causa das *Disputationes*. Suas principais contribuições são a metafísica, a epistemologia e a filosofia do direito. É considerado por muitos como um dos maiores escolásticos. Ver AUDI, Robert. *Diccionario Akal de Filosofía*. *Op.cit.* Verbete Suárez, Francisco. p. 913.

⁹ João Maurício de Nassau-Siegen, (1604-1679) foi conde e (após 1674) príncipe de Nassau-Siegen, é décimo - terceiro filho de seu pai, mas o primogênito do segundo casamento. Descartes esteve sob seu comando no exército dos Países Baixos durante a Guerra dos Trinta Anos contra a Espanha.

¹⁰ CAPRA, Fritjof. *O Ponto de Mutação*. Tradução: Álvaro Cabral. 5.ed. São Paulo: Cultrix, 1988. p. 53. Este clássico do doutor em física quântica pela Universidade de Viena foi posteriormente adaptado para o cinema sob a direção de Bernt Capra no ano de 1990 nos Estados Unidos da América. Na obra é apresentada uma nova forma de se pensar o mundo e as relações do homem com este a partir das bases da ciência moderna.

¹¹ DESCARTES, R. *Discurso do Método*. São Paulo: Abril Cultural, 1979. p. 29. (*Os Pensadores*).

¹² *Ibidem*, p. 37.

¹³ Utilizamos em nossa análise a tradução portuguesa de João Gama da coleção organizada por Artur Mourão publicada pelas edições 70 de Portugal.

¹⁴ Estudiosos da geometria euclidiana; esta é uma versão da geometria constituída por inúmeros axiomas, e dentre eles o axioma das paralelas. O termo “geometria euclidiana” se refere tanto a teoria geométrica que se encontra nos *Elementos* de Euclides (século IV a.C.), como à disciplina matemática que se construiu a partir da base fornecida por esta. Muitos dos axiomas euclidianos eram muito mais próximos da lógica que da geometria propriamente dita. Em geral as demonstrações euclidianas se baseavam em procedimentos geométricos e aritméticos potencialmente infinitos e é justamente a isso que Descartes irá se opor, oferecendo em sua nova teoria aritmética e geométricas quantidades infinitesimalmente pequenas. Ver AUDI, Robert. *Diccionario Akal de Filosofía*. *Op.cit.*. Verbetes: *Filosofía da Matemática e Geometría Euclídea*, respectivamente pp. 383-4 e 453s.

¹⁵ DESCARTES, R. *Os Princípios da Filosofia*.I, §5. Lisboa: Edições 70, 1997.

¹⁶ DESCARTES, R. *Meditações*. I, §9. in. Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1979.p. 87.

¹⁷ As *Objeções* são as respostas ao pedido do filósofo para que fossem realizadas análises pelos maiores intelectuais seus contemporâneos por intermédio do amigo padre Mersenne, com quem trocou inúmeras cartas e que muito contribuiu para o crescimento intelectual de Descartes. Geralmente, segue-se às *Meditações* as principais objeções as teorias cartesianas, assim como suas respostas às mesmas. Dentre as objeções de maior destaque estão a do próprio Mersenne e as de Gassendi.

¹⁸ DESCARTES, R. *Meditações*. I, §6. Op.cit. p.86.

¹⁹ Idem, *Princípios da Filosofia*. Op.cit. III. §1.

²⁰ DESCARTES, R. *Meditações*. II. §7. Op.cit. p. 94. Aqui Descartes apresenta como certa a proposição eu sou, eu existo, nas meditações, que toma o mesmo sentido do je pense, donc je suis do Discurso sobre o Método: “ela é necessariamente verdadeira sempre que eu a pronuncio ou que a concebo em meu espírito.” É ao refletir sobre esta inseparabilidade [...] que obtenho imediatamente a natureza daquilo que sou.” É portanto, esta a primeira verdade encontrada por Descartes na sua investigação e é a partir daí que partirá para a elaboração de todo o seu método filosófico-científico. Este momento também marca a passagem da subjetividade, enquanto redução da realidade a representação e a percepção que o sujeito tem dela para a consciência, percepção da realidade sem uma dependência absoluta da representação/ compreensão do sujeito, o sujeito parte de determinante na visão da coisa para ser apenas um juiz dessas coisas.

²¹ Ibid. II §9. p. 95.

²² ALQUIÉ. Ferdinand. *A Filosofia de Descartes*. Lisboa (S/d). p. 72.